



**OS
SUBSTITUTOS
BERNARDO
CARVALHO**



COMPANHIA DAS LETRAS

À memória do meu pai

Para o Henrique

ÍNDICE

I

A cura pela experiência	13
Manual de sobrevivência na selva	18
Brasília	24
Vivax	28
O mundo invertido	36
Campo de Marte	40
Miniaturas	43
As coisas são piores de perto I	47
No limbo	50
Os retalhos	57
Uma odisseia no espaço	64
Insurreição	69
As coisas são piores de perto II	76
A iminência do desastre	84
As coisas são piores de perto III	88
A religião dos índios	98
O altar da voz	115
Cidade de balas	119
Simplesmente um animal	125
Impotência	137
Os supositórios	144

II

Os Okano	149
As coisas são piores de perto iv	153
Os quartos de hotel	156
A índia anã	159
O melhor filme do mundo	161

III

Os ossos do pai	167
O orgulho da vergonha	180
No metrô	186
As mãos	191

I

A CURA PELA EXPERIÊNCIA

Ele se lembra da madrastra erguendo um brinde à viagem, como se declamasse, sôfrega, o início de um dos clássicos que ele devia ler para a escola nas férias: «Já pensou voar como um gavião, sozinho no silêncio das alturas, subir, descer, tomar o rumo que quiser, sem obstáculos, e ver lá embaixo os rios que refletem o azul do céu e as nuvens, como tranças de espelho cortando a mata virgem onde vivem índios e feras escondidos debaixo do mar de árvores, gritando na noite eterna da floresta?» Lembra que ela fez uma pausa para retomar o fôlego, bebeu um gole do gim-tônica, baixou os olhos e, como se enfim reconhecesse que de perto as coisas podem ser bem piores, não disse mais nada.

A madrastra não se envergonhava de suas presunções literárias. Todo mundo sabia do diário que ela guardava como um segredo na gaveta da mesinha de cabeceira que ninguém nunca quis abrir. Quando falava de índios, pensava menos em poemas românticos e mitos de origem (ou nos próprios indígenas) do que em filmes de caubói e marchinhas de Carnaval. Ao associá-los a feras, não aludia a nenhuma transmigração animista, assim como não pretendia despertar no menino o gosto da aventura ao invocar o voo do gavião. Podia até ter ouvido o marido falar em gaviões, mas sem associá-los a seres humanos, sem imaginar

que pudessem ser um grupo indígena. Expressava a mesma desenvoltura com que segurava o cigarro numa das mãos e o copo de gim-tônica na outra, afastando uma mecha da testa com o dorso da mão, e depois sorria, um pouco tonta, para o casal de convidados americanos, sem se dar conta do ridículo e da afetação, do recurso à platitude pomposa dos contrastes — o silêncio e os gritos, o azul do céu e a noite eterna da floresta —, fingindo encorajar o enteado em sua primeira incursão na selva, quando no fundo só queria lhe meter medo, e por isso carregava no tom e na voz, o que resultava numa caricatura involuntária das piores dublagens de filmes de horror.

Ele tinha tudo para entrar em pânico — sofria de crises de vertigem desde que os pais se separaram —, mas também desenvolvera suas defesas e àquela altura já estava distraído com o barulho das pedras de gelo que o jovem casal de convidados chacoalhava em sincronia, em seus copos de uísque, denunciando uma impaciência que de resto vinham tentando disfarçar por educação e interesse comercial. Ao contrário da anfitriã, mal abriam a boca, apenas sorriam, e quando falavam era em inglês e baixo, para desabafar ao pé do ouvido um do outro a incredulidade diante do que viam e ouviam, como quando horas antes o rapaz descera pela escadinha retrátil na asa do bimotor, o desequilíbrio de uma única sobranceira arqueada num rosto de espanto, buscando os olhos da mulher.

Eram recém-casados, aquela era sua lua de mel e também a primeira viagem fora dos Estados Unidos. Não contavam, é claro, as excursões escolares à Colúmbia Britânica, na infância e na adolescência, quando se conheceram; viviam a poucas horas da fronteira. Aproveitaram para unir o útil ao agradável ao embarcar para a América do Sul, virgens em mais de um sentido. Era a primeira vez que o rapaz representava a madeireira da família,

mas ao que tudo indicava ninguém se dera ao trabalho de lhe explicar o pragmatismo dos negócios familiares. Dois anos antes, o anfitrião brasileiro viajara para o Oregon para lhes oferecer madeira de lei a preço de banana. Os americanos podiam ter desconfiado, se era para depois se escandalizarem. Eram cristãos praticantes, do gênero que, em nome dos negócios, ignora motivos de posterior constrangimento moral. Só o rapaz ainda parecia levar ao pé da letra as palavras de Cristo ouvidas na missa de domingo: que todos os homens são iguais e têm os mesmos direitos, as mesmas responsabilidades e as mesmas obrigações perante a lei de Deus.

Ja fazer quatro anos que, graças a contatos privilegiados em Brasília, o anfitrião comprara milhares de alqueires de floresta e cerrado na Amazônia Legal — «sete vezes o Liechtenstein, por uma ninharia!», ele se gabava sempre que surgia a oportunidade. Sabia tanto do Liechtenstein quanto seus interlocutores, mas gostava do nome. Tinha mistério e nobreza. Os militares estavam rifando a floresta. A única contrapartida (ou melhor, o único bônus) era que os contemplados com a pechincha ocupassem as terras em princípio devolutas, sendo que ocupar significava devastar enormes áreas de mata para plantar capim-colonião e criar gado, tudo fartamente financiado pelo Estado. E como não estava em seus planos perder nenhuma chance, viajara para os Estados Unidos para negociar de antemão a madeira do desmatamento.

Tinha cinquenta anos, usava o cabelo repartido para o lado, com gomalina, e naquela tarde trazia um cachimbo pendurado no canto da boca, enquanto conduzia de volta para casa a mulher que tinha idade para ser sua filha, o filho fóbico do casamento anterior e o casal de americanos, para em seguida instalá-los no terraço modernista diante do pôr do sol, do gramado

em queda e do caminho de cascalho que descia em curva até o portão e o bosque que ainda ocupava o terreno à venda do outro lado da rua de terra batida. Ele e a mulher foram pioneiros no condomínio, mais pela insistência dele, à qual ela cedera sem pensar duas vezes, convencendo-se de que a vontade também era sua, já que estava apaixonada. Era impensável que, em menos de dois anos, por aquele mesmo caminho de cascalho, ele escaparia de carro aos tiros da esposa, moça católica de boa família, vinte anos mais jovem, que naquela tarde idílica, ao entreter os americanos, ainda tão feliz e despreocupada sob a luz do poente, desenvolta em seu vestidinho azul sem mangas, o cigarro e o copo de gim-tônica se alternando entre as mãos, discorria sobre a floresta e os índios que ela só conhecia de fotos.

Por aquele mesmo caminho sinuoso seguiria também seu corpo num caixão lacrado, seis meses depois da fuga do marido, sob o sigilo diligente da família carola que, disposta a tudo para encobrir o suicídio, recorreria ao eufemismo de um aneurisma para se referir ao tiro com o qual, o cano da espingarda que ele deixara para trás enfiado na boca, ela daria um fim à própria vida, estourando o tampo do crânio. Nada disso parecia possível naquele fim de tarde, no terraço banhado pela luz alaranjada do inverno tropical. Era de todo improvável que, enquanto entretinha o casal de convidados, a jovem anfitriã suspeitasse da complexidade da vida psíquica e sexual do homem com quem vivia.

Ele os levava para conhecer o avião e assegurar os preparativos da viagem marcada para a manhã seguinte. E foi no hangar onde o bimotor ficava estacionado que o menino ouviu, ainda sem compreender inteiramente, o desabafo do rapaz americano que estava ali a negócios e no mais era só sorrisos, quando se aproximou da mulher depois de descer pela escadinha na asa, depois de espiar, acompanhado do anfitrião, o interior da cabine

de cinco lugares com uma privada dissimulada sob um dos assentos, e disse indignado (ou assim quis crer o menino) que só um louco (talvez tivesse dito: só um imbecil) seria capaz de infligir ao filho de onze anos seis horas dentro daquela geringonça arremessada na direção do inferno; melhor seria não envolver uma alma inocente nos negócios.

E se apenas o menino o ouviu, ainda que sem compreendê-lo inteiramente, talvez fosse porque projetava na incredulidade do convidado estrangeiro o que ele próprio pensava sem poder dizer em sua língua. Sofria de crises de vertigem desde que os pais se separaram. Embarcava no dia seguinte para uma aventura no inferno, com o pai, o mesmo que costumava se gabar de que os santos saíam correndo da igreja toda vez que ele entrava mas que, antes de ser acusado de sádico ou diabólico, aproximou-se do jovem casal de crentes e, como se lhes aconselhasse em relação ao futuro da família, com a mão no ombro do rapaz, arrematou com uma breve preleção sobre a cura pela experiência.

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NA SELVA

«Que é que você está lendo?», o pai perguntou quando já voavam fazia mais de duas horas. «Deve ser interessante», disse, para provocá-lo. «Não deu um pio até agora. Não parou de ler desde que a gente saiu de São Paulo. Não te interessa o mundo aí fora? Olha só que dia radioso, céu de brigadeiro!»

«Quer que eu te conte?», ele respondeu, sem tirar os olhos do livro, irritado com a interrupção e em especial com aquela expressão ridícula que o pai usava para falar da transparência dos dias. Na falta de uma reação, repetiu uma segunda vez em tom de ameaça, sem despregar os olhos da página. E foi só quando decidiu levantar o rosto, porque continuava sem resposta, que se deu conta de que o pai soltara o manche e estava debruçado no encosto, à procura de alguma coisa no banco de trás, de costas para o mundo do lado de fora, que avançava à sua frente.

«Claro, estou te ouvindo, pode contar», o pai respondeu, acomodando-se de volta no assento, enquanto passava os olhos pelas páginas do calhamaço que fora buscar no banco de trás, sem associar o silêncio ao medo do filho. «O gato comeu sua língua? Desistiu de contar?», insistiu, enquanto folheava a brochura no colo. E então, porque dessa vez era o menino que não respondia, virou-se para ele: «O piloto automático está ligado, não precisa fazer essa cara», assegurou-lhe e, para provar o que dizia,

ensaiou um movimento brusco das mãos de volta ao manche inoperante, o que só não arrancou um grito do filho porque o susto lhe roubara a voz. Estava paralisado, enquanto o avião seguia inabalável em sua rota sobre o Brasil Central, indiferente tanto aos acontecimentos externos como às vontades, medos e hesitações no interior da cabine.

Minutos depois, quando a vergonha e a curiosidade enfim venceram o medo, ele conseguiu articular uma pergunta encabulada sobre o calhamaço que o pai folheava.

«É um manual de sobrevivência.»

«Pra que é que serve?»

«Pra uma emergência, ué!»

«O quê, por exemplo?»

«Hmm. Um pouso forçado na selva, por exemplo.»

«Mas isso não vai acontecer, né?»

«Não, claro que não», o pai o tranquilizou com um sorriso que não disfarçava a decepção, obrigado a se conformar com os terrores do filho.

«Então, que é que você está buscando?»

«Por que você não me conta a sua história?», o pai desconversou, concentrando-se nas páginas em suas mãos.

«Que história?»

«Você não ia me contar uma história? Sobre o que é o livro que está lendo?»

«É sobre uma missão espacial...»

«Hmm.»

«Pra salvar a humanidade.»

«Que é que houve com a humanidade?»

«Com a Terra.»

«Que é que houve?»

«Acabou.»

«Sério?»

Ele não respondeu. Reconhecia a complacência nas perguntas do pai.

«Você acha que isso vai acontecer um dia?», o pai insistiu sem o convencer de todo, enquanto seguia entretido em sua pesquisa.

Ele deu de ombros: «É uma ficção científica. Pode ser que sim, pode ser que não. É a história de uma nave procurando um planeta onde a humanidade vai poder viver.»

«Hmm.»

«E de um menino que não sabe por que foi escolhido.»

«Escolhido?»

«É o segredo da história. Só gente muito especial foi selecionada para a viagem. As crianças mais excepcionais. Melhores em tudo. Os mais inteligentes. E ele não é nada disso. Todo mundo que está ali é especial em alguma coisa, menos ele. Todo mundo vai ser alguma coisa no futuro da humanidade. Ele não. É uma criança comum. E, pra completar, não se lembra de nada.»

«Não se lembra?», o pai perguntou, com proverbial desinteresse, ainda folheando o manual.

«É diferente dos outros, não tem memória, não se lembra do que deixou pra trás. Desde que acordaram em algum ponto do espaço, ele quer saber o que está fazendo ali. Não para de perguntar, como se fosse amnésico. Os outros também estão sozinhos, sem os pais, e querem saber por que tiveram que deixar suas famílias na Terra. Choram, querem voltar pra casa, porque se lembram. Têm saudade, mas sabem por que foram selecionados e isso basta como explicação pra esquecerem o resto. Estão orgulhosos, porque são especiais. Estão convencidos de que têm um papel no futuro. Só ele não sabe pra que serve e não se lembra

de quem deixou pra trás. Não se lembra de ninguém. É como se tivesse acabado de nascer, só que grande. E sem razão pra estar lá.»

«Não entendi.»

«Sem motivo.»

«Sim, mas como é que se nasce grande?»

«Acordou falando como todos os outros. Sabe ler e escrever como os outros, como se tivesse um passado em que aprendeu essas coisas, mas, por alguma razão que ninguém entende, pelo trauma da viagem talvez, ou por algum defeito na máquina de hibernar, esqueceu de onde veio. Sabe ler e escrever, tudo o que se aprende na escola, essas coisas, o básico, mas não se lembra do resto.»

«Que resto?»

«A família. Os pais. Durante a viagem ele pergunta um monte de coisas aos adultos que estão na nave, e eles respondem. E assim vai aprendendo tudo o que os outros têm de especial, tudo o que sabem sobre todas as coisas, já que ele mesmo não tem nenhum saber especial. Aprende com os outros, com os melhores. E a gente aprende junto, lendo.»

«Que bom. Mas por que as crianças estão sozinhas, sem os pais?»

«Os pais não foram selecionados, não eram especiais.»

«E os adultos na nave?»

«São guias e instrutores. Sabem fazer coisas especiais. Só gente especial entra na nave. Tem um botânico, um astrônomo, um matemático, uma linguista que sabe tudo sobre todas as línguas que existem e sobre as que desapareceram. Eles ensinam as crianças. Além dos médicos pra cuidar das pessoas, e dos engenheiros pra reparar as máquinas. Eles sabem que foram selecionados porque são os melhores ou vão ser um dia.

Mas ninguém sabe explicar o que ele está fazendo ali. Porque não pode haver erro na missão. Ele acha que não serve pra nada. Mas no fundo — e essa é a revelação da história — ele tem que ser especial, tem que ter uma razão pra ele estar ali.»

«Que é que dizem as outras crianças?»

«Pra ele?»

«É.»

«São todas prodígios em alguma coisa. Quer dizer, um dia vão ser, né?»

«São promessas.»

«Isso. Porque ainda são crianças. Quando ele fala com elas, quando repete as perguntas que faz aos adultos, elas mudam de assunto, porque não entendem o que ele está perguntando. Na verdade ficam aflitas, porque não têm resposta.»

«Tratam ele mal?»

«Não. Todo mundo é muito inteligente, não podem admitir que ele esteja ali por engano, porque isso significaria que eles também não são tudo aquilo e que a missão não é tão perfeita. Seria uma falha muito grande, né? Preferem não pensar no assunto. Um engano desse tamanho significaria que eles estão ferrados.»

«E esses adultos deixaram pra trás os filhos que não eram especiais?», o pai provocava o filho como se tivessem a mesma idade.

Ele fingiu que não ouviu, continuou folheando o livro no colo.

«Não levaram bichos, como na Arca de Noé?»

«Claro que levaram, bichos e plantas.»

«Até chegar a um planeta habitável», o pai retomou, «eles vão ter que viajar muito, muito tempo. Muito mais que o tempo de uma vida.»

«Eles sabem disso.»

«Vão ter que dormir uma eternidade, o tempo de muitas vidas.»

«Hibernar», o menino o corrigiu.

«Hibernar», o pai repetiu, achando graça no léxico do filho.

«Na verdade, pra viajar no tempo, eles têm que comprimir o espaço, senão não chegam nunca. É muito longe. Muito mais longe do que a gente é capaz de imaginar. O corpo deles ficou congelado até a nave se aproximar do planeta. Eles só acordam quando estão a poucos anos do planeta. O tempo de se preparar, de se tornarem adultos.»

«Você já sabe a história.»

«Estou lendo pela terceira vez», o menino disse orgulhoso, baixando os olhos para a capa azul-marinho que acabara de fechar sobre os joelhos, e acariciando as letras brancas do título.

«Por que está lendo de novo se tem tanta coisa pra ler? E os livros da escola? Sua mãe disse que você tinha uma lista de livros da escola.»

«Prefiro ler esse de novo.»

«Por quê? Porque é ficção científica?»

«É o melhor livro que eu já li.»

O pai deu uma risada: «Como é que pode saber que não gosta do que ainda não leu? Assim nunca vai aprender nada.»

«Você aprende um monte de coisas nesse livro. Tudo o que eles sabem sobre tudo o que existe. E no final ainda fica sabendo por que ele está lá, por que foi escolhido.»

«O menino?»

«Sim.»

«Por quê?»

«Você não quer saber o final, quer? Não vai estragar a história. Quer que eu te conte do começo?»

BRASÍLIA

Quatro anos antes, o pai tinha marcado uma reunião com um militar no saguão do Hotel Nacional, em Brasília. Os dois regulavam na idade, podiam ter sido amigos de infância ou colegas de faculdade, mas se encontraram pela primeira vez fazia uns meses, meio por acaso, apresentados por conhecidos comuns numa jogada de sorte para ambos. Era a segunda vez que se viam. O filho estava junto, já que o pai não tinha com quem deixá-lo. Passava as férias com o pai, e a madrasta se recusava a ficar com ele em São Paulo enquanto o marido se ausentava a trabalho.

Do que ele se lembra, o encontro no saguão do hotel foi breve, o homem de farda prometeu ao pai o paraíso. Já adulto, ele manteria por anos, na escrivania de trabalho, o registro informal daquele dia, uma foto esmaecida na qual o pai exultante com o desfecho da reunião, o terno amarfanhado como o de um mendigo, posava ao lado dele pequeno, os dois encostados na carroceria de um DKW solitário, parado junto do meio-fio, o gramado ralo sob o sol do Planalto Central, deixando exposta a terra vermelha até a miragem do Congresso ao fundo. O militar deve ter tirado a foto à saída do hotel. Ele não se lembra de mais ninguém que pudesse tê-los fotografado. Na foto ele aparecia de olhos fechados, ofuscado pelo sol, enquanto o pai sorria a seu lado. Era um sorriso desafiador, orgulhoso e onipotente.

Ou talvez ingênuo. Por um tempo, a imagem serviu de indício, âncora da lembrança difusa das viagens com o pai pelo interior do Brasil, até que também desapareceu como todo o resto. Foi sendo lavada pela luz dos dias até restarem apenas manchas apagadas dos dois corpos, dois espectros sobrepostos à silhueta também evanescente do Congresso no fundo. O sorriso desapareceu do rosto do pai, assim como os olhos fechados do rosto do filho. Ficaram as sombras desbotadas, as expressões invisíveis, o branco, a suposição de dois rostos a serem preenchidos pela memória vaga. O paraíso que o militar prometera ao pai, enquanto ele os observava sentado na poltrona de couro do outro lado da mesinha de centro, as pernas balançando no ar em meio ao movimento de entra e sai de hóspedes, também já não existe.

O acordo com o militar previa uma comissão sobre o subsídio para a ocupação das chamadas terras devolutas. Por maior que fosse, continuava valendo a pena. Sem o militar, o pai jamais teria chegado às pessoas certas e nunca teria fechado o negócio. Era a chance de uma vida. Dessas que só acontecem uma vez e não permitem hesitação. Era pegar ou largar. E o pai não era de deixar passar uma oportunidade. O dinheiro, mesmo depois de descontada a comissão — e de adquiridas as terras, o bimotor e os bois —, ainda dava para abrir uma conta na Suíça, comprar o terreno sonhado no condomínio em São Paulo e erguer a casa de traços arrojados na qual a esposa ia poder pôr em prática seus talentos projetistas, receber convidados estrangeiros e fazer sua parte na promoção da imagem edificante de um país supostamente jovem, predestinado ao progresso e à modernidade. O acordo também previa contrapartidas subjacentes à aventura. Porque ali o pai vendia a alma, se é que tinha uma.

O que ele na infância não podia imaginar (e o militar tampouco) era que o pai levasse um gravador na pasta de couro.

Era a mais completa contradição. Entre as fotos e os objetos de valor sentimental que ele viria a herdar por intermédio da irmã, mais de trinta anos depois, meses após a morte do pai, os poucos que ela lhe reservara, talvez porque soubesse ou intuísse o seu significado, estava a fita gravada em sigilo naquele dia, durante o encontro no saguão do Hotel Nacional, em Brasília. Quem falava era o militar:

«Temos um plano. E não vamos desperdiçar essa chance. Nosso sonho é maior do que tudo o que já se imaginou para este país. Não vamos passar a vida esperando de braços cruzados, resignados à omissão e à malemolência, assistindo impassíveis a tomadas de decisão as mais equivocadas. Temos nossas ideias. Pode levar tempo, mas vão acabar entendendo que também sonhamos. O brasileiro não tem direção nem disciplina. Nós vamos domar este país, vamos lhe dar um norte.»

«Nós?»

«Os militares.»

Havia um breve silêncio na fita, um lapso no qual ele imaginou a expressão do pai, seguido do riso do militar: «Precisamos de homens como você. Pioneiros dispostos a assumir a parte heroica, viril, da nossa história. Desbravar esta terra antes que ela passe de virgem a puta. Sim, vamos nos adiantar. Vamos deflorar o que é nosso antes que nos roubem nossas riquezas. E renascer, está entendendo? Vamos crescer e nos multiplicar como Deus quer. Vamos domar a natureza selvagem com um exército de homens, mulheres e crianças. Você está me entendendo? Posso contar com você, não é? Posso confiar?»

«Claro.»

«Estamos lhe oferecendo o paraíso. Tem que pensar na família, no futuro do menino. O que vai sobrar pra eles se não tomarmos a dianteira agora? Não dou dez anos pra este país

estar irreconhecível. Não vamos esperar sentados isso acontecer, vamos?»

«Não, de jeito nenhum», ouvia-se o pai, mais alto e mais próximo.

Era difícil compreender as razões que o levaram a gravar o encontro. Ele não era nenhum herói em busca de justiça por meio de denúncias, nenhum agente infiltrado, decidido a revelar as entranhas corrompidas do poder. Tirava vantagem da ocasião, sabia que participava de um ato duvidoso, se não ilícito, fazia um pacto com o demônio. Talvez procurasse se precaver, quem sabe preservar na fita a memória que deixava aos filhos. Mas para quê? Se era a confissão de um crime, então para quem?

Ele já não lembra se foi alguns anos antes ou talvez naquelas mesmas férias, antes de irem a Brasília fechar o negócio com o militar, que ele e o pai foram surpreendidos por uma manifestação reprimida pela polícia no centro de São Paulo. Caminhavam do estacionamento até o escritório do pai e de repente se viram entre estudantes que corriam, tentando escapar da polícia montada, e contra-atacavam despejando bolas de gude no asfalto. Os cavalos desabavam ao lado deles, enquanto o pai o puxava para o outro lado da rua, onde encontraram refúgio num restaurante tradicional e vetusto.

Quando ele perguntou assustado o que estava acontecendo, o pai apenas riu nervoso e passou a mão em sua cabeça, despenteando-o num gesto ao mesmo tempo canhestro e provocador, porque estavam salvos, como se a vida fosse uma aventura sem sentido, um jogo de sobrevivências cuja razão e cujas regras não precisavam ser entendidas. Quando saíram do restaurante minutos depois, em meio ao rastro de destruição, um pedestre confienciava a outro, à boca pequena, esperando para atravessar a rua, que a morte havia tomado conta do país.

Os substitutos

Tudo começa com uma viagem: no tempo e no espaço, na imaginação e na memória. Em plena ditadura brasileira, um pai e o seu filho de onze anos sobrevoam, num bimotor, o coração da floresta amazónica. O pai, dado a excessos anímicos, mantém ligações obscuras aos militares que apoiam o governo. O filho, desamparado, embrenha-se obsessivamente na leitura de um romance de ficção científica sobre a demanda por um planeta substituto da Terra. Entre os dois, a comunicação é cada vez mais falha. Até que, à chegada a uma das fazendas que pontuam a Amazônia, um episódio terrivelmente violento vai deixar marcas que ficarão para sempre.

Mergulho na história moderna do Brasil, com uma sucessão de acontecimentos perturbadores e uma galeria de personagens sinistras, *Os substitutos* é também a demanda feroz e comovente pelo que (des)une dois homens. Bernardo Carvalho alcança aqui o lugar mais íntimo da sua obra, já que é entre pais e filhos que se estabelece a mais complexa das relações humanas.



«Se tudo neste romance é espelho e comentário de uma outra coisa [...], tudo reflete também a complexidade do mundo em chamas no qual vivemos. O entendimento das relações interrompidas e insatisfatórias, e do inconsolável desejo que lhes está no núcleo, torna Bernardo Carvalho um dos melhores romancistas contemporâneos, no Brasil e no mundo.»

BENJAMIN MOSER

AUTOR DISTINGUIDO COM O PRÉMIO OCEANOS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-583-334-4



9 789895 833344